

Curso 2017: Os gozos na teoria e na clínica psicanalíticas

Aula 6 (19/10/2017)

Marcus do Rio Teixeira

Após haver dado três respostas negativas à questão de qual a causa do gozo, Lacan apresenta a sua resposta na segunda aula, “A Jakobson”:

O significante é a causa do gozo. Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo? Como, sem o significante, centrar esse algo que, do gozo, é a causa material? Por mais desmanchado, por mais confuso que isso seja, é uma parte que, do corpo, é significada nesse depósito.¹

Lacan faz aqui uma referência à teoria da causalidade em Aristóteles, que ele interpreta de uma forma muito peculiar, como veremos a seguir. Só para lembrar essa teoria na sua versão original:

Segundo seu hábito, Aristóteles procurou definir as causas, e não a causa. Na Física (II, 7, 198a), chega ao célebre quarteto que será adotado no século XIII pelos escolásticos:

- Matéria (*hýle*), ou seja, aquilo de onde saiu a coisa; por exemplo, o bronze para a estátua.
- Forma (*eidos*), ou seja, a própria natureza da coisa; por exemplo, a figura da estátua.
- Motor (*kinêsian*), ou seja, o autor da mudança; por exemplo, o escultor.
- Finalidade (*tò hoû héneka*), ou seja, aquilo por que ocorre a mudança; por exemplo, a razão que impele o escultor a esculpir.²

Bertrand Russell assim comenta essas causas:

Um dos aspectos mais importantes aqui tratados é a teoria da causalidade de Aristóteles, relacionada com a teoria da matéria e da forma. Numa situação causal, há um aspecto material e um aspecto formal. Este último, por sua vez, se divide em três partes. Em primeiro lugar há o aspecto formal, no sentido restrito, que se poderia chamar de configuração. Em segundo, temos o agente que efetivamente desencadeia a mudança, como o ato de puxar o gatilho dispara um rifle. Em terceiro, há o propósito, ou fim que a mudança tenta conseguir. Esses quatro aspectos são chamados, respectivamente, de causas material, formal, eficiente e final. Um exemplo simples

¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (3ª edição). p. 30.

² GOBRY, I. *Vocabulário grego da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 15.

esclarecerá isso: consideremos uma pedra oscilando na borda de um degrau e que é empurrada até cair. A causa material, nesta situação, é a matéria da própria pedra. A causa formal é a disposição geral do solo, ou seja, o degrau e a disposição da pedra nele. A causa final é a tendência da pedra a buscar o nível mais baixo possível, ou seja, a força atrativa da gravidade.³

Ora, na definição de Lacan o significante é a causa material do gozo. De fato, “Sem o significante, como mesmo abordar aquela parte do corpo?”. A nossa condição de seres falantes nos impede um acesso direto ao gozo sem passar pela linguagem. Não podemos simplesmente gozar do corpo do Outro sem o significante. Assim como escande a fala, o significante recorta o corpo, tomando-o não em sua totalidade, mas por partes. Lembremos que Lacan, um pouco acima deste trecho, afirma:

Como o sublinha admiravelmente essa espécie de kantiano que era Sade, só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro, pela simples razão de que jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até inclui-lo e fagocitá-lo, em torno do corpo do Outro.

Gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro.⁴

A referência a Sade não deve ser tomada como alusão ao gozo perverso, mas ao fetichismo mais comum, aquele que é típico da sexualidade masculina. Chemama assim comenta: “Trata-se, antes, disso que um homem pode comumente aproximar do gozo, que sempre tem relação com o parcial⁵; não é indispensável que ele chegue a recortar realmente sua parceira.”⁶

Para que se possa gozar de uma parte do corpo do Outro é preciso nomeá-la como tal, ou seja, é preciso a linguagem para recortar no corpo a parte da qual se goza. Esse fetichismo comum tem como condição que aquele que elege o fetiche seja um ser da linguagem. É porque existe a palavra que define “pé” na sua língua que ele pode gozar do pé como um fetiche. Somente um *fallasser* pode recortar partes do corpo. O animal, que não é um ser da linguagem, não recorta partes do corpo, mas o toma como uma totalidade, uma *gestalt*. Ele experimenta o gozo no seu próprio corpo sem recortes,

³ RUSSELL, B. *História do pensamento ocidental: A aventura das ideias dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 121.

⁴ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 30.

⁵ O autor cita os dois termos em francês: *partiel* (que constitui uma parte de um todo) e *partial* (que toma partido em relação às partes em disputa). Em português temos uma única palavra com os dois sentidos. (N. A.)

⁶ CHEMAMA, R. *La jouissance - Enjeux et paradoxes*. Paris: Érès, 2007 [tradução minha para o trecho citado].

sem bordas. Isso leva Lacan a dizer que o animal *se goza*. “Se há alguma coisa que nos dá a ideia do ‘se gozar’ é o animal.”⁷

Nos seres da linguagem, é o significante que tem o poder de causar o gozo, de tornar possível tomar o corpo para gozar dele. “Por fim, ele responde que o gozo do corpo-a-corpo tem sua causa no próprio significante que ‘se situa no nível da substância gozante!’”⁸ – comenta Soler, que conclui: “O significante é erógeno.”⁹

A autora comenta ainda: “Com efeito, é uma maneira de dizer: o significante recorta a zona erógena, mas não somente a zona erógena, recorta sobre o corpo do outro a parte erógena.”¹⁰ Essa ressalva acerca da *parte erógena* indica, a meu ver, uma distinção entre a noção de zona erógena no sentido clássico, que são as zonas das pulsões (oral, anal...) e a ideia de parte erógena como qualquer parte do corpo que possa ser tomada como parte a ser gozada. Todas as partes do corpo podem ser tomadas, em alguma medida, como partes erógenas, embora isso não queira dizer que o corpo possa ser tomado enquanto *todo*, mas parte por parte.

Lacan prossegue: “Irei agora direto à causa final, final em todos os sentidos do termo. Nisso que ele é termo, o significante é aquilo que faz alto ao gozo. (...) O outro polo do significante, o sinal de pare, lá está, tão na origem quanto o pode estar o vocativo do comando.”¹¹ Comentário de C. Soler: “É uma maneira curiosa de tomar a causa final de Aristóteles – não tenho tempo de comentar isto. Ele diz, causa final, é que o significante que causa o gozo, que o desencadeia, ao mesmo tempo, o detém. (...) O outro papel do significante, é o ponto final [*coup d’arrêt*]; o ponto final, diz ele, que é tão originário quanto ‘o vocativo do comando’, quer dizer, o supereu.”¹²

O que é curioso é que Lacan toma o termo *final* no sentido do que *finaliza*. Não se pode dizer que ele não avisou que iria tomar “(...) final em todos os sentidos do termo”. Só que na verdade a *causa final*, em Aristóteles, tem um sentido de *finalidade*. Daí porque é também conhecida como causa *teleológica*. Por isso ela não é mais considerada como uma causa na ciência moderna. “A noção de causa final não é admitida na física atual, embora em seu vocabulário sobrevivam vestígios de

⁷ LACAN, J. *A Terceira, Cadernos Lacan*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, v 2, 2002 (Publicação não comercial – circulação interna). p. 56.

⁸ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 182.

⁹ Id., loc. cit.

¹⁰ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora. p. 44. [Tradução minha para o trecho citado]

¹¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 30.

¹² SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*, op. Cit., p. 44-45.

teleologia. Expressões como atração e repulsão, buscar o centro, e outras assim, são resíduos de noções teleológicas (...). ”¹³

O que Lacan parece querer frisar é o fato de que o significante estabelece um limite ao gozo, que o gozo causado pelo significante é ao mesmo tempo limitado por ele desde a sua origem. Como lembra Charles Melman: “O gozo fálico é um gozo cuja propriedade é ser sustentado por um conjunto que tem borda, e esta é constituída pelo falo. É algo que, ao menos que sejamos perversos, nos é interdito atingir. É o que chamamos de interdito da castração.”¹⁴ A ênfase aqui recai em outro aspecto da incidência do significante fálico sobre o gozo: ele impõe um limite, define até aonde o gozo pode ir.

“Significante”, nesse caso, não possui o sentido restrito de *palavra*, como a palavra que nomeia a parte do corpo, mas diz respeito ao significante fálico, significante sem significado, “excluído da fala”, que Lacan retoma nesse Seminário e que também está incluído no conceito de *função fálica*. Conforme Roland Chemama: “A função fálica é a função da castração, ou seja, a própria função do limite. O gozo fálico é a forma que toma o gozo desde que leva em conta essa limitação.”¹⁵ Nesse sentido, o gozo fálico pressupõe a passagem pela castração. O que explica porque Lacan afirma mais adiante, na aula VI, “Deus e o gozo d’ A Mulher”: “(...) para o homem, a menos que haja castração, quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica, não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher, ou, dito de outro modo, de que ele faça o amor”.¹⁶

Isto não quer dizer que os psicóticos – que não passam pela castração – não tenham vida sexual, mas que eles não se inscrevem dos lados da repartição dos sexos enquanto todos fálicos ou não-todos fálicos. É o caso do transexual – no sentido clássico, não no sentido das “pessoas trans”, como se chama popularmente hoje todo e qualquer sujeito que assume uma identidade sexual imaginária que não corresponde ao seu sexo anatômico – ainda que hoje em dia dizer isso seja considerado pela militância como “patologização”.

Não há qualquer possibilidade para ele [o transexual] de ter qualquer latitude em relação a esse falo ao qual ele não tem nenhum acesso. Pois não foi instalado para ele o que o torna possível: a metáfora simbólica, ela mesma determinada pelo reconhecimento do significante paterno. O

¹³ RUSSELL, B. *História do pensamento ocidental*. op. cit., p. 121-122.

¹⁴ MELMAN, C. Comentário sobre o gozo Outro. In: _____. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992. p. 127-147, p. 130.

¹⁵ CHEMAMA, R. *La jouissance - Enjeux et paradoxes...*, op. cit.

¹⁶ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 78.

que faz a lei do gênero humano é para ele inacessível: a lei simbólica lhe é foracluída, e não é de um desmentido do falo, mas de uma *Verwerfung* que se trata aí.¹⁷

Porém Lacan não encerra nesse ponto; ele prossegue, definindo aquela que seria a causa eficiente do gozo:

A eficiência, de que Aristóteles nos faz a terceira forma da causa, não é enfim nada senão esse projeto com que o gozo se limita. Todos os tipos de coisas que aparecem no reino animal são paródias desse caminho do gozo no ser falante, ao mesmo tempo que nelas se esboçam funções que participam da mensagem – a abelha transportando o pólen da flor macho à flor fêmea, eis o que muito se parece com o que diz respeito à comunicação.¹⁸

Essa passagem me parece particularmente enigmática, ainda mais porque a causa eficiente, em Aristóteles, é, como vimos, o fator ou autor da mudança. Lacan fala, porém, no “projeto do gozo”. O que seria isso? Segundo Soler:

Temos um pequeno problema com a causa eficiente. Ele nos diz que é “o projeto com que o gozo se limita”. O que é o projeto em questão, no gozo? Trata-se do gozo do casal, lá, com dois corpos. Qual é o “projeto”? Se olharmos o que vem em seguida, ele evoca a abelha, que transporta o pólen, bom. Então, fatalmente, isso nos evoca a procriação, o projeto procriador do enlaçamento do casal. Evidentemente, poderíamos chicanear e dizer a Lacan: o projeto procriador na época moderna está apesar de tudo em vias de se separar do projeto de gozo.¹⁹

Creio, porém, que há outro aspecto na definição que Lacan nos oferece de causa eficiente do gozo. Quando ele diz que aquilo que aparece no reino animal são “paródias desse caminho do gozo no ser falante” ele faz uma estranha inversão, pois normalmente pensaríamos que aquilo que se passa do lado do ser falante é o que poderia ser uma paródia do reino animal. Este último, por vir “antes” do ser falante, seria o tema a ser parodiado e não o contrário. Se levarmos em consideração esta inversão, o que ele parece estar dizendo não é que o gozo teria como projeto a procriação, mas que a procriação, no reino animal, é uma paródia do projeto do gozo no *fallasser*.

Finalmente, ele define a causa formal: “E o estreitamento, o estreitamento confuso de onde o gozo toma sua causa, sua última causa, que é formal, não é ele da ordem da gramática que o comanda?”²⁰

¹⁷ CZERMAK, M. Transexualismo – Elementos de reflexão. In: _____. *Patronímias: questões da clínica lacaniana das psicoses*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2012. p. 45-54, p. 48.

¹⁸ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 31.

¹⁹ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*, op. cit., p. 45.

²⁰ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 31.

O estreitamento, nos diz ele, é o que corresponde ao *eidos* do casal, ao *eidos*, ao enlaçamento. Qual a relação com a gramática? Não é uma relação de analogia. (...) Atenção, não é uma analogia; a ideia, e eu creio que é a tese de Lacan, é que é a operação mesma da gramática: os corpos só se acoplam porque, na linguagem, há uma gramática. (...) Dito de outra forma, sem a linguagem jamais haveria acoplamento.²¹

A tese de Lacan, como Soler aponta aqui, situa na gramática a causa formal do gozo, ou seja, a copulação dos corpos provém da cópula significante. Não é à toa que ele vai dizer que “(...) o verbo se define por ser um significante não tão besta – temos que escrever numa palavra – *namtambesta* quanto os outros, sem dúvida, que faz passagem de um sujeito à sua própria divisão no gozo (...).”²² Lacan enfatiza a função do verbo na gramática como o que liga o predicado ao sujeito.

Nas frases declarativas formadas de sujeito e predicado, dispostos nesta ordem, o conteúdo do predicado constitui uma informação a respeito do sujeito da oração. Esta informação pode ser dada integralmente por meio de um núcleo verbal (...) ou ser repartida entre o núcleo verbal (...) e algum outro termo adjacente (...) vinculado a este núcleo.

(...) A informação contida no predicado pode resultar, ainda, da união obrigatória do núcleo verbal (...) com uma propriedade qualquer (qualidade, estado, atributo, identidade) expressa no termo adjacente (...). Estes verbos, que jamais exprimem ação, denominam-se ‘verbos de ligação’ (também conhecidos como ‘verbos copulativos’ ou ‘verbos predicativos’) (...) ²³

Lacan coloca, indica, que a conjunção gramatical é a condição da conjunção dos corpos. (...) Por que dizer que essa função de cópula, que é ao mesmo tempo gramatical e sexual, faz a passagem do sujeito à sua própria divisão no gozo? A expressão pode parecer estranha, mas ela diz que, finalmente, é o verbo que faz a passagem do \$ em direção ao seu objeto, que escrevemos normalmente “a”.

(...) A divisão nos indica a separação, o hiato entre sujeito e gozo, e o verbo é o que, contudo, apesar desse hiato, permite uma via de acesso.²⁴

*

²¹ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*, op. cit., p. 45.

²² LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 31.

²³ AZEVEDO, J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2015. p. 212-213.

²⁴ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*, op. cit., p. 52-53.

Nesse ponto podemos propor uma lista sucinta das características do gozo fálico. Trata-se de um gozo:

- Causado pelo significante fálico e, ao mesmo tempo, limitado por ele. Ou seja, determinado pelas leis da linguagem; pressupõe a passagem pela castração.
- Gozo do órgão, não do corpo na sua totalidade. “Vou um pouco mais longe – o gozo fálico é o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão.”²⁵ Que é experimentado não como integrado ao corpo, mas como exterior a ele – *fora-do-corpo*, como Lacan o define em *A terceira*: “Que o gozo fálico se torne anômalo ao gozo do corpo, é algo que já foi percebido mil vezes (...). O fora-do-corpo [*hors-corps*] do gozo fálico (...)”²⁶

“Ele diz respeito ao corpo, sem o que não seria um gozo, mas ele se inscreve antes como neutralizando, no corpo, a zona do sexo.”²⁷

- Inclui o gozo sexual, porém, por ser um gozo regido pelo significante, não permite o acesso direto ao objeto, apenas ao seu *semblant*.
- Trata-se do gozo mais comum: gozo do trabalho, do sintoma, do sofrimento, da criação artística, aquele que o sujeito sempre encontra. É um gozo que se escreve, que está inscrito na linguagem. “O gozo fálico não cessa de se escrever, não há senão ele que se escreve.”²⁸
- Embora seja mencionado algumas vezes como “gozo masculino”, ele é na verdade comum aos seres sexuados masculinos e femininos. Para situar a diferença sexual no que diz respeito ao gozo, Lacan recorre à lógica modal de Aristóteles, dividindo-os, segunda a forma como se situam ante esse gozo, em *todos fálicos* e *não-todos fálicos*.
- Dizer *não-todo fálico* significa, por sua vez, pressupor a existência de um outro gozo, de um gozo Outro. A diferença sexual “pede” esse gozo, não fálico, que discutiremos na próxima vez.

²⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda...*, op. cit., p. 14.

²⁶ LACAN, J. *A Terceira...*, op. cit., p. 54.

²⁷ CHEMAMA, R. *La jouissance - Enjeux et paradoxes...*, op. cit.

²⁸ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*, op. cit., p. 09.

Algumas considerações finais/esclarecimentos sobre alguns pontos do Seminário.

Ao tomar o *Seminário 20, Mais, ainda* como referência central para estudar o gozo, fomos obrigados a restringir a nossa leitura a alguns trechos e inevitavelmente deixamos de lado um grande número de questões abordadas por Lacan nesse seminário, que constitui uma virada importante no seu ensino.

Uma dessas questões diz respeito ao que Lacan se refere quando menciona o *ser* neste seminário. Digo “neste seminário” porque a definição do ser que ele fornece aqui não é mesma de outros seminários ou textos. Soler assim comenta: “Ele nos diz, no início dessa terceira parte, o que ele chama de ser. É precioso porque no texto de Lacan a definição de ser não é sempre a mesma. Ele nos diz: ‘(...) o ser, é o gozo do corpo como tal, quer dizer, como assexuado (...)’²⁹ e ele nos explica logo em seguida que isso de que ele fala é do homem.”³⁰

Ocorre que esta frase foi mal editada na edição oficial do *Seminário 20*. No trecho onde ele fala do “gozo do corpo como assexuado”, as transcrições não oficiais desse Seminário, feitas a partir da gravação das aulas, nos esclarecem que Lacan assim se dirige ao seu público, num trecho excluído da edição oficial: “Certamente eu disse, isso que aparece sobre os corpos, sob as formas enigmáticas que são os caracteres sexuais que não são senão secundários, sem dúvida faz o ser sexuado, mas o ser é o gozo do corpo como tal, quer dizer – escrevam como quiserem – como a-sexuado, (a)sexuado, a/sexuado.”³¹

Lacan destaca nesse ponto o “a”, que sem dúvida alguma se refere ao seu objeto *a* – o que é facilmente confirmável pela sequência lógica da sua exposição, pois um pouco antes ele dizia: “Dito de outro modo, o que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto *a*.”³² Ou seja, não se trata do corpo sem sexo, como alguns entenderam, mas do corpo *sexuado pelo objeto a*. Lacan se refere aqui à tese que vem expondo insistentemente, de que o corpo não é tomado como objeto de gozo na sua totalidade, mas sim por partes, que são investidas como formas imaginárias do objeto *a*. Ele vai dizer mais adiante: “É o homem (...) que aborda a mulher, que pode crer que a aborda (...). Só que, o que ele aborda, é a causa de seu desejo, que eu designei pelo objeto *a*.”³³

²⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* op. cit., p. 14.

³⁰ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore...*, op. cit., p. 23.

³¹ LACAN, J. *Le Séminaire Encore*. Versão não comercial, elaborada a partir de várias transcrições, redigida por G r me Taillandier. Paris, 1985.

³² LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* op. cit., p. 13.

³³ Id., p. 78.

Quero frisar que mesmo sem o conhecimento da transcrição não oficial das aulas do Seminário, o trecho na edição oficial deveria suscitar discussão em vez de ser tomado literalmente. Os leitores deveriam pelo menos se perguntar o que Lacan quis dizer. Achar que o corpo não tem sexo é uma ideia que não tem pé nem cabeça.

Outro ponto, digamos, curioso, diz respeito às três respostas negativas dadas por Lacan à pergunta acerca da causa do gozo. Ali onde ele diz “Não é do amor”, a transcrição não oficial não registra esta frase. Isso pode ser comprovado na escuta da gravação da primeira aula.³⁴ O que coloca um problema sério. Por um lado, é um fato inquestionável que essa frase “Não é do amor” não foi pronunciada por Lacan. Trata-se, portanto, de uma inserção editorial. Mas, sem entrar em polêmica sobre a edição oficial do Seminário, devemos reconhecer que a frase inserida não altera a lógica do argumento de Lacan.

Sinto-me à vontade para dizer isto, uma vez que não sou um seguidor do responsável pela edição do Seminário. Essa frase, que não é de Lacan, é coerente com o argumento desenvolvido por ele; o gozo do corpo não é causado pelos caracteres sexuais secundários, tampouco pelo sexo. E quanto ao amor, que, como vimos, ele aborda ao longo do Seminário paralelamente ao tema do gozo, tampouco ele é a causa do gozo, uma vez que: “No amor, o que se visa, é ao sujeito, ao sujeito como tal (...)”³⁵ O gozo, ao contrário, visa um objeto. Assim, é perfeitamente coerente concluir que o amor tampouco pode ser causa do gozo.

Assim como o gozo tem uma causa, que é o significante, o amor também tem a sua causa: o signo.

“Um sujeito não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é susceptível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor.”³⁶

³⁴ LACAN, J. *Le Séminaire Encore*. Aula de 21/11/1972. Arquivo de áudio. Disponível em www.valas.fr
Acesso em 23/10/2017 (N. A.)

³⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* op. cit., p. 56.

³⁶ Id., loc. cit.